

O universo acadêmico do 8º Congresso Nacional e Internacional de Semiótica

Universidade de Lyon2, França – 7 a 12 de julho de 2004

MARIA THEREZA STRÔNGOLI

O EVENTO

Três associações que pesquisam as práticas e os rumos da semiótica reuniram-se em Lyon, no último julho, para discutir os resultados de seus trabalhos: a Associação Francesa de Semiótica, a Associação Internacional de Semiótica e a Associação Internacional de Semiótica Visual.

A temática da primeira delimitou-se ao tema "As idades da vida"; a da segunda centrou-se em "Signos do mundo – Interculturalidade e globalização"; a terceira não particularizou um tema próprio e não diferenciou, no livro de resumos, seus participantes. Na organização do evento, a associação nacional delimitou-se a sessões temáticas apresentadas nos últimos horários da manhã e da tarde; a internacional ficou com as primeiras horas dos dois períodos e, além de apresentar também sessões temáticas, responsabilizou-se pelas plenárias e mesas-redondas.

A coincidência de datas dos congressos trouxe algumas confusões (salas e horários) e um tempo mais longo para os trabalhos (de 9h às 19h durante seis dias ininterruptos, incluindo domingo), o que motivou dispersões, pois os últimos dias e horários tiveram menor público. Além disso, o número de inscritos e de resumos não coincidiu com o de apresentações: muitas sessões foram canceladas ou reunidas devido à ausência de comunicadores, perdendo algumas sua homogeneidade temática ou teórica. A difusão e a venda de obras das várias semióticas foram pouco significativas, não havendo, por exemplo, a possibilidade de se comprar ou assinar os *Actes Sémiotiques*. Os momentos de confraternização dos congressistas ocorreram durante as refeições, que se constituíram sempre de pratos frios em quantidade

algumas vezes restrita e sem a esperada qualidade da cozinha francesa. De modo geral, a organização do congresso e os espaços em que foi realizado pautaram-se pela simplicidade e economia.

As línguas oficiais, além do francês, foram alemão, espanhol e inglês, mas as comunicações que motivaram questões foram, quase sempre, as apresentadas em francês. As demais suscitaram pouco interesse, sobretudo quando seu apresentador não era falante nativo. Não se percebeu a presença de jovens ou estudantes assistindo a essas sessões; somente atuaram nas atividades de organização, dando a impressão de que a assistência era composta de pessoas que foram apresentar trabalhos e não assistir, especificamente, às sessões – ausência essa que pode ser explicada pelo fato de o evento ter sido realizado durante as férias, período considerado pelos europeus como sagrado para descanso ou viagens.

OS TRABALHOS

A Associação Francesa de Semiótica contou com um número bem menor de inscritos (dos quais três brasileiros, embora somente dois tenham comparecido) e suas atividades constituíram-se somente de oito sessões temáticas, nas quais quatro pesquisadores apresentaram trabalhos coordenados por um moderador. Além do Brasil, participaram dos trabalhos representantes da Bélgica, Holanda, Itália, Luxemburgo, Suíça, Canadá e México. Seu tema, as idades da vida, privilegiou o foco sobre duas culturas: uma gerada pela população mais jovem, outra pela mais velha, ambas modalizadas pela mundialização dos fenômenos culturais. As discussões destacaram dois aspectos: vertentes teóricas e análise da diversificação dos dados.

As vertentes teóricas foram discutidas em várias comunicações, das quais destacam-se algumas. Sémir Badir (Universidade de Bruxelas) contestou a concepção anti-vitalista defendida, sobretudo, por Michel Foucault, e propôs uma semiótica da "vida" ou das "vidas", ambas norteadas pela concepção de idade, de continuidade e de temporalidade. Denis Bertrand (Sorbonne III) explicitou a dimensão tímica, estética e, sobretudo, axiológica de estereótipos da adolescência, observados na literatura, e de estereótipos da idade madura, apresentados na mídia escrita. Pierre Boudon (Universidade de Montreal, Canadá) refletiu sobre a questão do conflito das gerações e das diferenças de etnia ou de gênero nesse conflito. Luísa Moreno (Universidade de Puebla, México) sugeriu uma "semiótica da perda" para o estudo da velhice e J. Fontanille (Universidade de Limoges, França) propôs o exame do "corpo", focalizado como uma estrutura funcional, e do conjunto de interfaces originadas da interação desse corpo com outros corpos, segundo determinados regimes temporais.

Finalmente, Bernard Lamizet (Universidade Lyon2, França) fez a interação de uma semiótica da idade com uma semiótica da identidade, relacionando-as às práticas simbólicas que lhes conferem significação cultural.

As análises fundamentaram-se muito em questões epistemológicas e abordaram a multiplicidade do intercâmbio da tecnologia com valores culturais, a fim de examinar como se tornam inteligíveis e compreensíveis entre si suas diferenças. Nessa perspectiva, trataram de questões como: imagens icônicas e suas variações interpretativas; emprego diferenciado do léxico em discurso de jovens, de adultos ou de idosos, estudados em textos literário, autobiográfico, midiático, publicitário, de entrevistas e comunicações eletrônicas ou musicais, nos quais destacaram-se os efeitos da multiplicidade dos meios de comunicação e dos recursos da mundialização sobre os destinatários, apresentados mais como consumidores e menos como produtores de objetos culturais.

A Associação Internacional de Semiótica recebeu inscrições de pesquisadores de diversos países, tendo muitos deles participado também do congresso da associação francesa. Também aqui se inscreveram inúmeros brasileiros e latino-americanos, mas muitos não compareceram. Ao contrário do observado na associação francesa, que se centrou na semiótica difundida por Greimas, os participantes deste congresso representaram diferentes associações e discutiram inúmeras e diversificadas abordagens analíticas e seus objetos de estudo.

Assim, algumas mesas-redondas desenvolveram trabalhos segundo a semiótica americana, norteando-se pela ótica de Peirce; outros buscaram novos caminhos, como Eero Tarasti (Universidade de Helsinki, Finlândia) e seus discípulos, discutindo a "semiótica existencial" conforme as noções de arte e de música que pontuam a intertextualidade fundamentada na pluralidade e na virtualidade da constante reciclagem de materiais. Vários pesquisadores, sobretudo dos países do norte europeu ou da costa oeste americana, expuseram noções teóricas e análises fundamentadas na corrente da "neurosemiótica" e da "biosemiótica", discorrendo sobre processos de formação de signos e sua combinação em redes que dinamizam as atividades psicomotoras da interação entre mente e corpo. Representantes da Associação Finlandesa-Húngara de Semiótica discutiram a continuidade dos trabalhos da Escola de Tartu, criada em torno de Yuri Lotman, e a necessidade da prática da metalinguagem. Além destes, diversos trabalhos exploraram teses das ciências cognitivas, da epistemologia, da hermenêutica ou da ontologia, como Fontanille que, participando também do congresso internacional, apela para o que chama "sémiotique de l'empreinte" (semiótica da impressão), levantando a hipótese de que a interpretação é uma experiência que consiste em reencontrar as formas de uma outra experiência,

da qual resta apenas a marca de sua impressão. Essas formas manifestam-se no corpo e, guardando traços de interações com outros corpos, elaboram conteúdos e representações associados às experiências anteriores, possibilitando a manifestação de formas semióticas da "polissensorialidade", formas que ele considera o suporte da memória que engendra o discurso.

Se os títulos das sessões plenárias, conduzidas por semioticistas conhecidos (R. Posner, P. Fabbri, F. Rastier, L. Moreno, J. Trabant e H. R. Perth), deram a impressão de serem exposições de ordem mais geral sobre as ciências e as práticas interculturais, os títulos de algumas sessões temáticas, como "Une sémiotique qui n'a plus peur du réel" ("Uma semiótica que não tem mais medo do real"), constata a intenção da semiótica atual de variar seus focos e articulá-los à complexidade da vida social e seus fenômenos existenciais. Entretanto, as 610 páginas do livro de resumos do congresso internacional e as 39 do nacional trazem ainda resumos de análises ou de experiências teóricas segundo os tradicionais padrões peirceano ou greimasiano, algumas já bastante exploradas, outras tentando uma convivência (muitas vezes pouco clara) com novas descobertas científicas e posturas analíticas. Mesmo que exijam aprofundamento e discussão, as novas posições demonstram a inclinação para uma abertura conceitual e metodológica das semióticas em geral e para a assimilação dos avanços da tecnologia e sua interação com a sensorialidade ou com a fenomenologia.